

A IMPORTÂNCIA DA CONTABILIDADE GERENCIAL NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS BRASILEIRAS.

LUCIANA SILVA MORAES, luciana@fasb.edu.br¹
MÁRCIO JEAN VILAS BOAS COELHO, marcio1190@gmail.com²

RESUMO

Este trabalho discorre sobre a importância das Micro e Pequenas Empresas, mostra a necessidade dos micro e pequenos empresários terem acesso às informações gerenciais, que possibilitem a administrar o negócio de maneira que, a utilização das ferramentas gerenciais venham a prolongar a vida do pequeno empreendimento. O trabalho apresenta algumas reflexões sobre a origem da Contabilidade, a utilização da Contabilidade como ferramenta de gestão, definição de empresa referente ao seu porte, como estudo principal; a aplicação da contabilidade gerencial nas MEP's. Sendo as Micro e Pequenas Empresas detentoras da grande parte da economia brasileira, porém sofrem com o alto índice de mortalidade, enfrentados por falta de uma gestão eficiente. Finaliza com a apresentação da importância da utilização da contabilidade gerencial como ferramenta de sucesso das MPE's, que possibilita um importante acompanhamento ao negócio, fazendo a utilização dos procedimentos que se adequem às necessidades das empresas e também aumente a chance de "sobrevivência" em meio a tanta concorrência.

Palavras - chave: micro e pequenas empresas; contabilidade gerencial; tomada de decisão; ferramentas gerenciais

1 INTRODUÇÃO

É constante o aumento da competitividade entre as empresas brasileiras, independentemente do seu porte, ao decorrer dos dias se torna indispensável a adoção de técnicas gerenciais, nas quais auxiliam os pequenos empresários, a tomarem decisões precisas e com isso prolongarem a vida das MPE's.

A baixa taxa de sobrevivência, juntamente com a importância da MPE's na economia brasileira, sendo responsáveis por contribuírem com um percentual significativo para o PIB, é que várias entidades privadas e públicas, se empenham para chegar a um consenso, e descobrir quais desafios enfrentados por empresas

¹ Prof. Luciana Silva Moraes, graduada em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado da Bahia, Esp. em Educação Ambiental – UNB, Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental – UCB. Professora e pesquisadora da Faculdade São Francisco de Barreiras e Professora Substituta da UNEB no Curso de Ciências Contábeis.

² Bacharel em Ciências Contábeis, Técnico em Contabilidade e Pós-Graduando do MBA de Auditoria e Controladoria da Faculdade São Francisco de Barreiras- FASB.

de pequeno porte, que fazem com que estas permaneçam pouquíssimo tempo no mercado.

Estatísticas revelam que é alto o índice de fechamento dessas empresas é por falta de um planejamento e controle mais efetivos. A falta de assessoria por parte dos contadores faz com que os pequenos empresários deixem de se beneficiar com informações valiosas que são geradas pela contabilidade e que podem ser utilizadas na gestão do negócio, tendo assim informações seguras e conseqüentemente tomadas de decisões com o máximo de segurança.

Portanto, é de grande importância uma contabilidade gerencial efetiva nas micro e pequenas empresas, devendo assim fazer parte da rotina empresarial, servindo de apoio em todas as suas etapas, tendo em vista que esses controles contábeis são relativamente fáceis de serem elaborados e podendo ser facilmente aplicados na gerência das micro e pequenas e empresas.

O objetivo principal é mostrar a importância da contabilidade gerencial nas micro e pequenas empresas, sendo uma ferramenta indispensável para todas as empresas independente do porte.

Definir Micro e Pequena Empresa em seus aspectos contábeis, de acordo com os órgãos públicos e privados. Identificar quais os benefícios para as micro e pequenas empresas, com a utilização da contabilidade gerencial, analisando-a como uma ferramenta administrativa que quando bem utilizada se torna um fator condicionante para a sobrevivência das MPE's.

Na atualidade as Micro e Pequenas Empresas parecem não dar muita importância e nem se preocupar com controles internos de suas atividades, nem com os registros contábeis que hoje são fundamentais para tomadas de decisões e que auxiliam na gestão.

Por falta de conhecimento e de não haver registros contábeis, os empreendedores das micro e pequenas empresas acabam por tomar muitas decisões de certa forma de olhos vendados, e que não auxiliam no funcionamento da sua empresa, isso por não conhecerem a real situação da mesma.

Esta pesquisa visa incentivar os administradores das micro e pequenas empresas a desenvolver e adotar as informações contábeis e possam auxiliá-los de alguma forma em tomadas de decisões precisas e seguras, enfim demonstrar a

importância de contabilidade gerencial e a contribuição que será constante, proporcionando assim uma melhoria constante nos seus negócios.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A contabilidade surgiu juntamente com a necessidade das pessoas terem um controle de seus bens; e registrar os acontecimentos que movimentavam o comércio, sempre buscando a proteção de seus bens materiais. Pois, o andamento do comércio refletia no aumento dos bens, fazendo com que a necessidade aumentasse, em saber o que realmente se possui, gastava ou devia.

Para Lima (2001, p.03), *“a contabilidade surgiu das necessidades que as pessoas tinham de controlar aquilo que possuíam, gastavam ou deviam. Visando sempre encontrar uma maneira simples de aumentar suas posses”*.

De acordo com os pesquisadores sabe-se que a contabilidade surgiu a cerca de 6.000 anos a.C. Sua evolução está ligada com o surgimento das primeiras administrações, pois a partir do momento que o homem passava a adquirir mais bens e conseqüentemente maiores valores, surgia a necessidade de controles, para saber o que iria render e quais atitudes tomar para aumentar o valor do seu patrimônio.

Sendo assim o número de informações era cada vez mais numeroso e de difícil assimilação, o que seriam totalmente impossíveis sem a aplicação de registros, gerando assim esboços que se tornaram os primeiros documentos voltados para o estudo da Contabilidade. Segundo Ludícibus (2000, p.30):

A Contabilidade, seja talvez tão antiga quanto a origem do homo sapiens. Alguns historiadores fazem remontar os primeiros sinais objetivos da existência de contas aproximadamente a 4.000 a.C. Entretanto, antes disso, o homem primitivo, ao inventar o número de instrumentos de caça e pesca disponíveis, ao contar seus rebanhos, ao contar suas ânforas da bebidas, já estava praticando uma forma rudimentar de Contabilidade.

Os primeiros registros apesar de terem sido de uma forma rústica, foram de fundamental importância para a contabilidade se tornar o que é atualmente.

2.1 Evolução Histórica

Segundo alguns historiadores, os primeiros sinais observados da existência da contabilidade, foram identificados por volta de 4.000 a.C. Os primeiros controles, não foram feitos em forma de registros, eram acompanhados de uma forma física, já que o mercado nessa época era composto basicamente por trocas de mercadorias, por conta disso a evolução da contabilidade foi um pouco lenta, o que passou a mudar com o surgimento da moeda por volta de 1.100 a.C. *“não sabemos quem inventou a contabilidade. (...) Sabemos, porém que sistemas de escrituração por partidas dobradas começaram a surgir gradativamente nos séculos XIII e XIV (...) no norte da Itália” (Hendriksen e Van Breda, 1999, p.39).*

Entre os séculos XIII e XVII a contabilidade se destacou realmente como uma disciplina, tendo em vista o tamanho do crescimento das atividades mercantis e conseqüentemente econômico ocorrido nesse período, a partir desse fato se concretiza a idéia que a evolução da contabilidade está diretamente ligada com o desenvolvimento e as necessidades da sociedade. Para Schmidt (2000, p.12), *“a contabilidade se manifestou antes do homem desenvolver a civilidade. Assim, como o homem progrediu, a Contabilidade, necessária ao progresso da humanidade, perseguiu essa evolução”*

Com o decorrer dos anos a necessidade de que a contabilidade evolui-se foi se tornando cada vez maior, pois haveria que estar registrar acontecimentos do comércio, a riqueza que era gerada obrigava aos comerciantes criar e utilizar de técnicas para controlar e preservar seus bens; sua evolução se deu juntamente com os períodos históricos da humanidade, dividindo-se em quatro períodos: Contabilidade do Mundo Antigo, Contabilidade do Mundo Medieval, Contabilidade do Mundo Moderno, Contabilidade do Mundo Científico. De acordo com Oliveira(2006, p. 16).

Não obstante a origem milenar da contabilidade, identificada por historiadores como praticada em tempos remotos da civilização, embora de forma rudimentar e não sistematizada, o homem enriquecia, e isso impunha o estabelecimento de técnicas para controlar e preservar os seus bens. Aí se inicia a história da contabilidade, que segundo historiadores e estudiosos, se divide em quatro períodos: Contabilidade do Mundo Antigo; Contabilidade do Mundo Medieval; Contabilidade do Mundo Moderno; Contabilidade do Mundo Científico.

No período antigo o que o compunha o patrimônio do homem eram seus rebanhos e outros bens, que são considerados os objetos de estudo da

contabilidade daquela época. Foi nesse período que as gravações e os outros métodos alternativos de registro começaram a fazer parte do dia-a-dia dos homens, pois com o aumento de informações e de transações ocorridas no comércio, o homem não tinha como “arquivar” tudo em sua memória.

Os registros baseavam em combinar o desenho com o número, se desenhava a, por exemplo, a cabeça do animal e o número que correspondente a quantidade. Segundo Sá (1997, p. 21):

O mais antigo documento dessa época que se conhece parece ser o que nos apresenta Figuer. Foi encontrado na gruta D'Aurignac, no departamento de Haute Garone, na França; uma lâmina de osso de rena, contendo sulcos que indicam quantidades.

A contabilidade evoluindo de acordo com a necessidade do homem, com o passar do tempo seu crescimento foi contínuo, e sua utilização vinha a agregar organização aos registros, que se tornou mais eficiente com a também evolução da escrita. De acordo com os Professores da FEA/USP (2001, p.282):

A invenção da escrita pelos fenícios por volta de 1.100 a.C., houve a expansão, ainda que lenta, do conhecimento humano. Com o advento da moeda e das medidas de valor, finalmente, pôde-se utilizar um sistema de contas completo e as respectivas contas contábeis.

O homem se tornava mais sábio quando se tratava de conhecimentos financeiros e comerciais, esse entendimento, passou a ser absorvido durante o período medieval. Os italianos que obtiveram os resultados mais concretos da contabilidade desde a sua origem, porém de acordo com os registros históricos, quem deu início a contabilidade foram os sumérios e em sequência os egípcios.

Com o crescimento gradativo da indústria artesanal, novas técnicas relacionadas ao sistema de mineração surgiram, o que fomentou o comércio exterior. O livro-caixa, débito e o crédito foram conseqüências da necessidade dessa época, na qual já se registravam recebimentos e pagamentos, e também já se distinguiam os direitos das obrigações.

Esse período foi muito importante não só para contabilidade, mas para o mundo como um todo. O trabalho escravo aos poucos foi cedendo lugar ao trabalho assalariado, essa mudança ocorreu a partir do momento que se gerou um acúmulo

de capital, com a produção na sociedade capitalista, como consequência da produção os registros se tornaram mais complicados. Para Franco (1997, p. 21), a Contabilidade:

É a ciência que estuda os fenômenos ocorridos no patrimônio das entidades, mediante o registro, a classificação, a demonstração expositiva, a análise e a interpretação desses fatos, com o fim de oferecer informações e orientação – necessárias à tomada de decisões – sobre a composição do patrimônio, suas variações e o resultado econômico decorrente da gestão da riqueza patrimonial.

Nos séculos XII e XIII a contabilidade cresceu e se aperfeiçoou, que foi uma consequência natural gerada pelo capitalismo. Nesse período a contabilidade tornou-se necessária para poder controlar as riquezas que a sociedade adquiria. As escritas já eram feitas nos modelos de hoje, se contabilizavam os custos separadamente; gastos com matéria-prima, mão-de-obra direta e custos indiretos que se agregavam aos custos da mercadoria, sendo assim se definiam os débitos e os créditos. Sá (1997, p. 34) afirma que:

A influência da matemática, o fato da escrita contábil estar atada ao cálculo desde os seus primeiros tempos e ter-se intensificado seu ensino nas escolas de matemática, tudo isto nos fez aceitar a força da mente lógica como geradora do processo de Partidas Duplas. O hábito das equações, o valor da matemática associadas à contabilidade, pode ser gerado o hábito da igualdade de Débito e Crédito, e esta nos parece uma hipótese bastante forte no campo histórico.

No período Moderno, os italianos introduziram as técnicas contábeis nos negócios privados. O que marcou realmente a fase Moderna da contabilidade foi a obra de Frei Lucca Paccioli, com o livro “Contabilidade por Partidas Dobradas” que foi publicado em 1494, que no geral enfatizava a teoria de o débito e o crédito correspondiam aos números positivos e negativos.

Apesar de não ter criado o método das partidas dobradas que já era utilizado na Itália, Frei Lucca Paccioli é considerado o Pai da Contabilidade. Para Rodrigues (2006, p. 19)

Um dos Princípios de Pacioli é o Método das Partidas Dobradas, onde são feitos lançamentos para equilibrar o Patrimônio Líquido. O método define que a cada débito deve-se ter um crédito de igual valor. Dentre todos os princípios da contabilidade, somente o Método das Partidas Dobradas é universalmente aceito.

Com o aumento do comércio italiano, a Itália também foi a pioneira em estar restringindo a prática da contabilidade, já nessa época o governo passou a só reconhecer pessoas que tinham realmente a capacidade , para exercer a profissão contábil.

No período científico são apresentados dois grandes autores consagrados: Francisco Ville, escritor milanês, contabilista publico, autor da obra "A Contabilidade Aplicada na Administração Pública e Privada", e Fabio Besta, escritor veneziano. O século XVI sendo o berço da era científica e já havendo existência da calculadora, inventada por Pascal, a contabilidade como disciplina ainda era confundida com administração.

O aumento de transações comerciais após a Revolução Industrial fez surgir a exigência de exames contábeis mais elaborados das operações financeiras e econômicas. Junto com este período de grandes invenções, de industrialização, de sindicalismo, da economia como ciência, do livre comércio, do capitalismo e das guerras, surgiu a necessidade de profissionais que conhecessem a natureza, os detalhes, as normas, as leis e as práticas que regem a matéria administrada, ou seja, o patrimônio. Era o pensamento patrimonialista. Foi o início da fase científica da contabilidade. (OLIVEIRA, 2006, p. 07).

A partir de 1920, e quando inicia a fase de predominância norte-americana dentro da contabilidade. As escolas norte-americanas ganhavam um destaque com suas teorias e praticas contábeis, que eram não apenas apoiados por uma ampla estrutura política e econômica, mas também pelas pesquisas e trabalhos desenvolvidos pelos órgãos associados.

2.2 A Origem da Contabilidade no Brasil

A história da contabilidade no Brasil inicia-se a partir da época colonial. O desenvolvimento com a expansão da atividade colonial provocou um aumento dos gastos, que assim exigiam um melhor controle das contas publicas e receitas do estado.

Da época colonial até o império o Brasil sofreu influencia direta de Portugal devido ao vinculo existente entre os dois países, uma vez que as medidas criadas na metrópole eram conseqüentemente dotadas na colônia.

Por ser recente a doutrina contábil no Brasil, acabou sofrendo grandes influências da cultura contábil italiana, defendida por Vincenzo Masi, onde a tendência era tornar a contabilidade mais prática e padronizada. Iudícibus (2000, p.33) define Vincenzo Masi, desta forma:

O intelectual, responsável pela construção de uma teoria científica do patrimônio, foi, sem dúvida, Vincenzo Masi, italiano nascido de Rimini nos fins do século XIX, tendo implantado uma doutrina a seu feitio intelectual e que nos permite denominar de “masiana”. Ele fundamenta a contabilidade na visão de que a escrita, os registros, as demonstrações são apenas instrumentos para que se possa ter memória de fatos acontecidos e que precisam ser explicados, mas sob a ótica da riqueza gerida para fins específicos.

No início do período científico os estudiosos ultrapassaram os conceitos de contabilidade daquela época, mostrando que a ciência e o profissional contábil não eram somente pra escriturar e guardar livros, era importante detalhar as informações, traduzir seu significado para poder interpretá-las.

Vincenzo Masi, afirmou em 1923, que o objeto da Contabilidade era o patrimônio e em um artigo cujo título é “*La Regioneria come Scienza Del Patrimonio*” (A Contabilidade como Ciência do Patrimônio), expôs na época esse novo conceito e atividade da contabilidade, que Sá (1998, p. 21) transcreveu em parte:

Se examinarmos os fenômenos fundamentais de Contabilidade, não podemos deixar de reconhecer que eles requerem indagações acuradas; não se pode negar que se torna necessário observá-los, expô-los e procurar explicá-los; depois, munidos dos ensinamentos oferecidos pelas pesquisas feitas com o subsídio de métodos especiais de investigação, próprios das ciências experimentais, daí retirar normas de prática e aplicação a casos concretos.

A partir desse avanço em que as atividades da área contábil se modificam e trazem benefícios não só para a profissão, mas para as organizações da época a contabilidade apesar de relacionar com outras ciências, agora tem fundamentos próprios para firmar-se como ciência.

Segundo Martins e Silva (2007, p. 83) o Patrimonialismo, que originou na Itália a Escola Patrimonialista, corrente esta de estudo de maior influência mundial, obteve grande aceitação no Brasil predominando até hoje. O Patrimonialismo conquistou grande aceitação no Brasil, havendo vários seguidores como, Francisco D' Áuria e Frederico Heermann Júnior.

É natural a influencia européia e principalmente italiana, pois tinham uma maior credibilidade nos estudos contábeis, por isso os profissionais brasileiros se identificaram com as doutrinas italianas.

Francisco D 'Áuria foi o precursor do estudo científico no Brasil, em 1948 (Sá), ele lançou a obra "Primeiros Princípios de Contabilidade Pura", introduzindo o patrimonialismo na Contabilidade Pública Brasileira. Segundo Sá (1998, p.29), em sua obra D 'Áuria revela-se patrimonialista pela sua própria definição de Contabilidade.

É uma ciência matemático-social, cujo campo de aplicação é o patrimônio; tem como meios os dados quantitativos de gestão, os seus instrumentos são cálculo e os registros; são as suas funções de observação, análise, coordenação, síntese e exposição; os seus fins são: controlar, informar e orientar administração patrimonial.

A doutrina italiana predominou no Brasil até a década de 50. Porém essa influência foi desaparecendo com o crescimento econômico do Brasil e principalmente com implantação de indústrias estrangeiras norte-americanas.

As normas eram pré-estabelecidas pelas associações profissionais, desde o principio a escola norte-americana se baseava nas informações das associações para repassar os conhecimentos.

Houve a necessidade de colocar padrões nas normas contábeis, Finney e Miller foram responsáveis por ampliar os conhecimentos contábeis no país, eles foram os que mais colaboraram para a uniformização das normas.

Segundo Iudicibus (1999, p.23)

Em 15 de dezembro de 1976, foi publicada no Brasil a Lei 6.404, que regulamentava os princípios contábeis, com orientação internacional especialmente norte-americana. Esta lei na realidade não inovou, e sim consagrou os princípios já utilizados no Brasil, por seus melhores profissionais.

Com o decorrer dos anos o crescimento da economia do Brasil a contabilidade se tornou de fundamental importância nas empresas. A partir da década de 90, as doutrinas contábeis brasileiras deram origem a primeira escola Neopatrimonialista, baseada na Teoria Geral da Contabilidade.

A escola Neopatrimonialista foi criada pelo Dr. Prof. Antônio Lopes, na qual aperfeiçoava os estudos do Patrimonialismo de Masi. Segundo Sá, o patrimônio sob a ótica do Neopatrimonialismo classifica-se em três grupos:

As essenciais detectam-se as relações íntimas de necessidade, finalidade, meio patrimonial, função; as dimensionais relações de causa, efeito, tempo, espaço, qualidade, quantidade; ambientais relações de naturezas: administrativas, psíquicas do pessoal, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, políticas, legais, etc. Sá (1997, p. 160).

Atualmente a profissão contábil tem o seu valor no Brasil, o profissional vem se aperfeiçoando de acordo com as exigências e necessidades do mercado. A contabilidade praticada nos últimos anos tem características das escolas Italiana, Norte-Americana e Neopatrimonialista; os estudos mostram que estas foram de extrema importância para o desenvolvimento da contabilidade aplicada ao longo do século.

2.3 Contabilidade Gerencial e Histórica

A Contabilidade divide-se em várias vertentes, essa divisão é partir das exigências que as organizações fazem atualmente, essas ramificações oferecem maiores informações e fazem com que se adquiram conhecimentos em uma determinada atividade. Atualmente as organizações estão inseridas em um mundo em constante mudança, que exige informações de todas as áreas, na contabilidade refletiu de forma que se criaram áreas de atuação diferentes para separar e apresentar as informações da forma exigidas pelos usuários. Para Ott (2004, p.23):

Cada área de atuação da contabilidade atende a demanda de informações e usuários distintos. À contabilidade financeira cabe o fornecimento de informações financeiras, fiscais e legais para usuários externos, como o governo. A contabilidade gerencial e de custos deve gerar informações para fundamentar a tomada de decisão dos gestores (usuários internos) enfocando a maximização dos resultados e a mensuração do desempenho dos departamentos, produtos e respectivos dirigentes e a mais recente contabilidade ambiental tem a missão de registrar e evidenciar os atos e fatos empresariais atinentes a proteção e conservação ambiental.

Uma das vertentes da Contabilidade Geral é a Contabilidade Financeira. O embasamento para que os usuários tomem decisões seguras, é a elaboração dos relatórios financeiros, os quais são o foco dessa vertente da contabilidade. De acordo com Atkinson (2008, p.37), a Contabilidade Financeira:

(...) é o processo de geração de demonstrativos financeiros para públicos externos, como acionistas, credores e autoridades governamentais. Esse processo é fortemente limitado por autoridades governamentais que definem padrões, regulamentações e impostos, além de exigir o parecer de auditores independentes (...).

A Contabilidade Tributária tem como objeto de estudo analisar profundamente a legislação tributária está encarregada de analisar as contas de resultado da organização e ser examinada de acordo com a legislação vigente, para que possa apurar corretamente os impostos. Segundo Fabretti (1996, p.25), Contabilidade Tributária:

É o ramo da contabilidade que tem por objetivo aplicar na prática conceitos, princípios e normas básicas da contabilidade e da legislação tributária, de forma simultânea e adequada.(...) Como ramo da contabilidade, deve demonstrar a situação do patrimônio e o resultado do exercício, de forma clara e precisa, rigorosamente de acordo com os conceitos, princípios e normas básicas de contabilidade.O resultado apurado deve ser economicamente exato.

A Contabilidade Gerencial é o processo de identificação e interpretação de informações que auxiliam os gestores para tomada de decisões. Essa vertente é muito utilizada nas grandes empresas, como multinacionais, porém não parece ser muito utilizada nas Micro e Pequenas Empresas. Para Ricardino (2005, p.9):

A contabilidade gerencial, num sentido mais profundo, está voltada única e exclusivamente para a administração da empresa, procurando suprir informações que se 'encaixem' de maneira variável e efetiva no modelo decisório do administrador.

Enfim, por isso o administrador precisa ter a visão que a contabilidade está presente para auxiliá-lo independente em que área seja a sua necessidade.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas e de publicações já existentes, dos temas que envolvem a Contabilidade Gerencial e sua importância nas micro e pequenas empresas. Foi recolhido, selecionado e interpretado os materiais relacionados com o conteúdo tornando-se possível analisar e identificar qual a real importância da Contabilidade Gerencial nas Micro e Pequenas Empresas Brasileiras. Depois de terem sido feitas as pesquisas foi feita uma afunilação, para saber quais realmente iriam servir na elaboração.

O projeto foi confeccionado através de uma revisão de literatura, na qual foram feitas pesquisas em livros, revistas, internet e artigos: a análise feita desses materiais mostra a importância da contabilidade gerencial nas Micro e Pequenas Empresas. Que na maioria não as utiliza.

A contabilidade Gerencial vem sendo utilizada com mais frequência nas empresas como ferramenta de gestão, independente do seu porte. Através de pesquisas realizadas através desse projeto serão os expostos os objetivos e a importância da contabilidade gerencial. Para solucionar os problemas de pesquisa e dar uma maior credibilidade e veracidade as informações e opiniões apresentados nesse projeto foram utilizadas citações de autores que estão diretamente ligados ao tema proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Hoss, (2006, p.). *“A contabilidade é uma ciência que surgiu da necessidade de se ter informações sobre a riqueza que se possui e, com o passar do tempo, do patrimônio como um todo. Esta evolução deu a tal ciência uma conotação mais relevante.”*

Dentre os setores e departamentos tidos como essenciais em uma organização o setor contábil sempre esteve entre esses porém, atualmente e tida como uma ferramenta que também compõem a administração. Para Crepaldi, (2002, p.16).

A contabilidade é um instrumento da função administrativa que tem como finalidade controlar o patrimônio das entidades, apurar o resultado das entidades e prestar informações sobre o patrimônio e sobre o resultado das entidades aos diversos usuários das informações contábeis.

Ainda para Crepaldi (2002, p. 20) *“é a ciência que estuda e controla o patrimônio das entidades, mediante o registro, a demonstração expositiva e a interpretação dos fatos nele ocorridos (...)”*. O desenvolvimento tecnológico, a complexidade do ambiente econômico fizeram com que surgissem novos ramos mercados com necessidades contábeis diferentes.

Foi no período da Revolução Industrial em que se originou a Contabilidade Gerencial, foi um avanço muito importante que surgiu como complemento da Contabilidade Financeira. De acordo com Atkinson (2000, p. 39) “A

demanda pela informação contábil pode ser relacionadas aos estágios da Revolução Industrial nas tecelagens, em fábricas de armas e em outras operações industriais(...)"

O contato mais restrito dos empresários como profissional contábil, já acontecia, mesmo quando a Contabilidade Gerencial ainda se iniciava. Essa proximidade acontece a partir do momento em que os empresários vêem na Contabilidade Gerencial uma ferramenta que atenda as suas dúvidas e necessidades.

Com isso nasceu a contabilidade gerencial, devido à necessidade de dar valor ao processo de conversão da mão-de-obra. Para Sérgio de Iudícibus,

A Contabilidade Gerencial pode ser caracterizada, superficialmente, com um enfoque especial conferido a várias técnicas e procedimentos contábeis já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, contabilidade de custos, na análise financeira e de balanços etc., colocados numa perspectiva diferente, num grau de detalhe mais analítico ou numa forma de apresentação e classificação diferenciada, de maneira a auxiliar os gerentes das entidades em seu processo decisório.
(IUDÍCIBUS, 1987. p.15.)

As organizações comerciais nos EUA foram as pioneiras a desenvolver a Contabilidade Gerencial. Conforme Pamplona (1998, p.2): *“As primeiras organizações americanas a desenvolverem sistemas de contabilidade gerencial foram as tecelagens de algodão mecanizadas e integradas, surgidas após 1812.*

Os surgimentos das novas técnicas contábeis nas primeiras indústrias de tecelagem relacionavam-se simplesmente com o desejo dos proprietários em reduzir os custos e conseqüentemente aumentar os lucros. No século XIX foram desenvolvidos novos sistemas de Contabilidade Gerencial, já no século XX, houve uma grande onda de incorporação de empresas nos Estados Unidos, como a Du Pont, que é um grande exemplo de uso inicial da contabilidade gerencial. Segundo Johnson e Kaplan (1993 p.57):

Os registros da Du Pont Powder Company, firma de explosivos fundada em 1903, proporcionaram um excelente exemplo do uso inicial da contabilidade gerencial para avaliar oportunidades e obter o controle, numa indústria integrada de múltiplas atividades [...]

Conforme Pamplona (1998, p.3): “*No final da década de 1960- Uma nova abordagem surgiu para análise dos sistemas de contabilidade gerencial: a economia de informações.*” Os empresários passaram a dar maior confiabilidade para as informações financeiras, a partir dessa década. Então teve um grande aumento na demanda pelos profissionais contábeis, e pelas informações valiosas fornecidas ao empresário.

Enfim, as informações passadas pela contabilidade gerencial passaram a ter importância, as organizações continuavam a utilizar os mesmos sistemas de contabilidade gerencial, porém, já na década de 80 com o auxílio do computador.

Com a globalização dos mercados e a alta competitividade, as empresas do mundo moderno têm como estratégia exigir do contabilista a responsabilidade de integrar-se como equipe de tomada de decisões e assim implementar os conceitos de Contabilidade Gerencial.

Freqüentemente os responsáveis pela administração das empresas tomam decisões vitais para o sucesso do negócio, para que a decisão seja tomada corretamente e com segurança é necessários dados e informações coerentes e verídicas.

Atualmente algumas empresas enfrentam sérios problemas financeiros e culpa a carga tributária, encargos sociais, preços altos entre outros fatores que ajudam para enfraquecer a empresa, por falta de visão dos gestores não conseguem distinguir as conseqüências geradas por esses problemas, e por outros que são causados pela má administração, falta de experiência e planejamento, descontrole do fluxo de caixa, falta de capital de giro e decisões precipitadas sem dados confiáveis.

Na visão de Horngren, Sundem e Stratton (2004, p.4): *Contabilidade Gerencial é o processo de identificar, mensurar, acumular ,analisar, preparar, interpretar e comunicar informações que auxiliem os gestores a atingir objetivos organizacionais.*

A Contabilidade Gerencial é necessária para qualquer tipo de entidade independente do seu porte. A comunicação entre o contabilista e os seus clientes é de extrema importância, para que haja uma integração entre as necessidades do empresário com as informações contábeis gerenciais oferecidas pelo contador. Segundo Atkinson (2003, p.37) a contabilidade gerencial através de suas ferramentas permite uma interpretação dos números da empresa. Assim a

contabilidade gerencial *“poderá executar o seu papel de gerar informações ao empresário para que este tome decisões mais acertadas e em tempo hábil.”*

A concorrência tem aumentado devastadoramente, porém os recursos disponíveis, para se combater a concorrência estão cada vez mais escassos, esse um dos diversos fatores que ajudam a aumentar as constantes mudanças sofridas na gestão de negócios.

Essas mudanças, passam a exigir mais das empresas, necessitando que seja maior a número de informações geridas, para auxiliar tanto o processo produtivo, quanto pra tomar resoluções estratégicas e operacionais.

As áreas de tecnologia de informação e a comunicação de certa forma, fizeram uma revolução na forma da gestão do negócio, o que proporcionou uma maior agilidade nos processos de decisão, essa foi a primeira grande mudança. Outra grande mudança é que, à proporção que se abrem novos mercados uma consequência é visível: a exigência para uma maior qualidade e diversidade referente aos preços competitivos.

Para que a organização possa se destacar diante da concorrência precisa estar com as informações atualizadas, estas que são fornecidas pela Contabilidade Gerencial, e assim a organização continuar fazendo parte do mercado cada vez mais concorrido.

Atualmente, a visão de que a contabilidade representa mudou, hoje é tida como um auxílio aos negócios do dia-a-dia, antigamente tinha-se uma visão muito precária, se via a contabilidade como um caminho, para que se pudesse cumprir algumas obrigações perante ao fisco. Saber utilizar gerencialmente os números fornecidos pela contabilidade é o que passa a diferenciar os empreendedores de sucesso.

Para que as informações gerenciais fornecidas pela contabilidade sejam fonte de informações valiosas, e necessário um perfeito alinhamento dos processos operacionais e um ótimo plano de contas. Uma situação de lançamento de uma nota, por exemplo, não é necessário que o responsável pelo lançamento possua profundos conhecimentos contábeis, mais é importante entender o que acontece ao classificar uma nota a ser paga, pois o responsável estará realizando um lançamento contábil, que influencia diretamente nos demonstrativos e relatórios gerenciais.

A princípio assegurar a qualidade dos lançamentos contábeis significa assegurar a qualidade das informações que transitam pela organização a todo o momento, e que por sua vez criam ferramentas utilizadas pelos tomadores de decisão e que definem os rumos da empresa.

Os colaboradores devem ter uma mínima noção dos processos contábeis e dos seus efeitos, quando se trata do administrador, tem que ser objetivo do mesmo entender a importância do departamento contábil.

É inadmissível um administrador não compreender a interdependência dos diversos departamentos à rotina que compõem sua empresa, sendo assim a contabilidade é um dos mais importantes aliados para os gestores e de fundamental importância àqueles que tratam de questões financeiras ou estratégicas.

A contabilidade gerencial pode ser considerada como uma parte fundamental da administração, fonte geradora de preciosas informações. A organização que valorizar o departamento contábil, estará valorizando conseqüentemente a gestão administrativa.

Frente às normas legais, o contador é um profissional imprescindível para a gerência de uma empresa, já a comparecimento do administrador não é juridicamente obrigatório.

A relação existente entre ambos é que o contador fornece as informações na forma de ferramentas para só assim o administrador por sua vez utilizar estas ferramentas para não apenas tomar decisões, mas sim, tomar as melhores decisões para o crescimento da empresa.

Para Iudícibus (1986, p.17), um contador gerencial, *“(...) deve ser elemento com formação bastante ampla, inclusive com conhecimento, senão das técnicas, pelo menos dos objetivos ou resultados que podem ser alcançados com métodos quantitativos”*.

O contador gerencial será o responsável em transformar os números em informações para a tomada de decisão, esse profissional deverá participar assiduamente das rotinas administrativas de seus clientes, de forma que forneça suporte, para que esses possam dedicar todo o seu tempo exclusivamente a fazer os ajustes na parte administrativa.

Pois tão importante quanto saber como se comportou a empresa no passado, com base nas informações da contabilidade financeira, também se

torna de vital importância ao empresário saber o que fazer no futuro, traçar estratégias para situações de dificuldades a serem enfrentadas, fazer um planejamento das atividades, ou seja, utilizar a contabilidade como uma ferramenta de gestão empresarial (DIAS, 2006).

É importante evidenciar a diferença que existe entre a contabilidade financeira e a contabilidade gerencial.

O Quadro 1 apresenta as principais diferenças entre a contabilidade financeira e a contabilidade gerencial.

	Contabilidade Financeira	Contabilidade Gerencial
Usuários	Primordialmente o público externo	Pessoas dentro da organização
Tipo de informação	Somente medidas financeiras	Medidas financeiras mais informações operacionais e físicas
Foco do tempo	Avaliação de desempenho voltado ao passado	O que ocorre no momento e orientada para o futuro
Natureza da Informação	Objetividade dos dados confiável e auditável	Ênfase na relevância dos dados, subjetiva e flexível.
Restrição	Regras definidas por princípios contábeis e autoridades governamentais.	Sistema de Informações para atender às necessidades dos usuários
Escopo	Informações agregadas e resumidas sobre a organização como um todo	Informações desagregadas, relatórios sobre produtos, clientes e em qualquer lugar.
Comportamento	Preocupação com o modo como os números da empresa irão afetar o comportamento externo	Preocupação com o modo como as medidas e os relatórios irão influenciar o comportamento dos gerentes.

Quadro 1- Diferenças entre a contabilidade financeira e a gerencial Fonte: Ching, (2006, p.6)

A contabilidade gerencial se torna uma ferramenta indispensável para que o empresário possa traçar seus objetivos e definir metas, está preocupa-se em fornecer informações úteis e práticas para a tomada de decisão, diferentemente da contabilidade financeira que segue padrões já estabelecidos por órgãos que a regulamentam.

A Contabilidade gerencial, por vezes influencia a própria contabilidade obrigatória ou fiscal, como por exemplo, no caso do Fluxo de Caixa, uma ferramenta gerencial que se mostrou tão eficiente que acabou virando relatório obrigatório em substituição da DOAR (Demonstração das origens e aplicações dos recursos) e da DLPA (Demonstrativo do Lucro e Prejuízo Acumulado).

EMPRESA

Entre os variados conceitos que os autores utilizam para definir e conceituar a palavra empresa, a mais usual é a de que:

Empresa é a unidade econômica organizada que combinando capital e trabalho, produz ou faz circular bens ou presta serviços com finalidade de lucro. Adquire personalidade jurídica pela inscrição de seus atos constitutivos nos órgãos de registros próprio, adquirindo dessa forma capacidade jurídica para assumir direitos e obrigações. A empresa deve ter sua sede, ou seja, deve um domicílio, local onde exercera seus direitos e responderá por suas obrigações. (FABRETTI, 2003, p.36)

Sendo a empresa uma unidade econômica, na qual basicamente sua finalidade é visar o lucro, têm-se a necessidade de utilizar ferramentas que tornem maiores as chances da organização obter o lucro esperado, ou que reduza as possibilidades de fracassar. Para que a empresa tenha sua vida duradoura e que nenhuma decisão equivocada possa prejudicar sua continuidade é necessário a adoção de estratégias, juntamente com ações nas quais tragam decisões seguras e levem o empresário a alcançar os objetivos com mais segurança.

De acordo com Fabretti (2003, p.36):

A empresa contrata força de trabalho, com ou sem vínculo empregatício, combinando capital e trabalho e adotando tecnologia e métodos de administração eficientes, organiza sua atividade econômica, objetivando a produção ou circulação de bens ou a prestação de serviços, visando obter lucro que lhe permita desenvolver-se e remunerar adequadamente o capital nela investido (FABRETTI, 2003, p.36).

Segundo Padoveze, (2005 p.3) *“a finalidade da empresa é criar valor para seu proprietário”*, como já foi dito valor é o lucro que quem está investindo espera, podendo ser também o risco que ele está correndo ao aplicar o seu dinheiro em um investimento.

Microempresas e Pequenas Empresas

São diversos os embasamentos utilizados para se definir as Micro e Pequenas Empresas, portanto nenhuma definição a respeito das ME e EPP será algo absoluto. Segundo Chér (1991, p.17), *“(…), para se conceituar as pequenas e médias empresas, algumas variáveis são tradicionalmente utilizadas, tais como mão-de-obra empregada, capital registrado, faturamento, quantidade produzida, etc.”*.

O serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE mostra as classificações para ME e EPP, tendo como base o faturamento e o número de empregados.

Classificação baseando-se em número de empregados:

Porte/Setor	Indústria	Comércio e Serviços
Microempresas	Até 19	Até 9 empregados
Empresas de Pequeno Porte	De 20 a 99	De 10 a 49
Médias	De 100 a 499	De 50 a 99
Grandes	500 ou mais	100 ou mais

Quadro 2 - Classificação das MPEs segundo o número de empregados Fonte: Sebrae, (2003-2005)

O quadro 2 apresenta a classificação da ME e EPP em relação ao número de empregados. Conforme a classificação:

- Indústrias e empresas de comércio e serviço com até 19 empregados são consideradas microempresas.
- Indústrias com 20 a 99 empregados e empresas de comércio e serviço que possuam de 10 a 49 funcionários são consideradas empresas de pequeno porte.
- Indústrias que possuam de 100 a 499 empregados e empresas de comércio e serviços que possuam de 50 a 99 funcionários são consideradas empresas de porte médio.
- Indústrias com mais de 500 ou mais empregados e empresas de comércio e serviço com 100 ou mais empregados são consideradas empresas de grande porte.

Baseando-se no faturamento, a classificação é a seguinte:

Porte	Simples Nacional	Exportações
Microempresas	Até R\$ 240 mil	Até US\$ 200 mil para comércio e serviços. Até US\$ 400 mil na indústria.
Empresas de Pequeno Porte	Acima de R\$ 240 mil até R\$ 2,4 milhões	Acima de US\$ 200 mil até US\$ 1,5 milhão para comércio e serviços. Acima de US\$ 400 mil até US\$ 3,5 milhões na indústria.

Quadro 3 - Classificação das micro e pequenas empresas segundo o faturamento bruto anual Fonte: Sebrae, (2003-2005)

- São Microempresas as que pertencem ao Simples Nacional e que possuem faturamento anual bruto de até R\$ 240 mil
- São Microempresas de comércio e serviço que realizam exportações com faturamento bruto anual de até US\$ 200 mil e as indústrias que realizam exportações com faturamento bruto anual acima de US\$ 400 mil.
- São Empresas de Pequeno Porte as que pertencem ao Simples nacional e que possuem faturamento bruto anual acima de R\$ 240 mil até R\$ 2,4 milhões.
- São Empresas de Pequeno Porte as empresas de comércio e serviço que realizam exportações com faturamento bruto anual acima de US\$ 200 mil até US\$ 1,5 milhão e indústrias que realizam exportações com faturamento bruto acima de US\$ 400 mil até US\$ 3,5 milhões.

Percebe-se que boa parte das empresas que existem no Brasil, se enquadra como MEP's, feita uma análise as MEP's são tidas em sua maioria como empresas desorganizadas, sem divisão por departamentos ou setores, têm pouca dificuldade para entrar no mercado: por causa dessa facilidade a concorrência é absurda, fazendo com que aumente a dificuldade de se manterem vivas, por isso encerram suas atividades em menos de dois anos, deste modo são responsáveis por grande número das oportunidades de emprego que surgem no país.

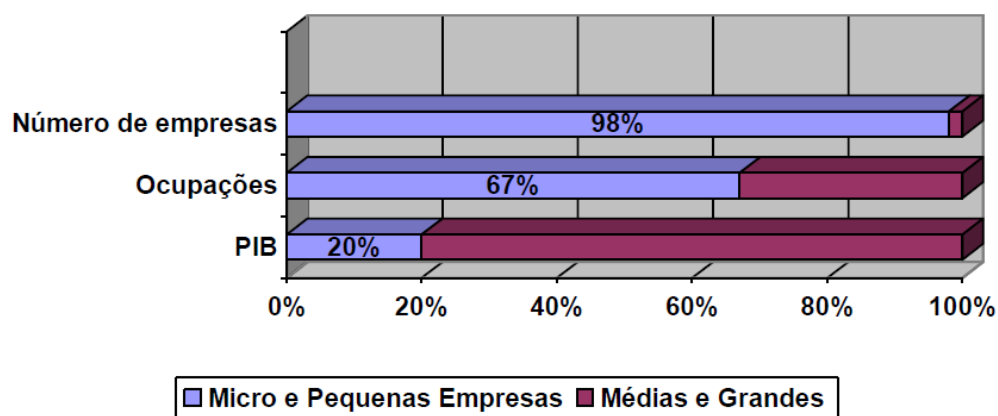


Gráfico 1 – As MPE's na Economia Brasileira Fonte: Sebrae, (2003-2005)

Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas

A CRFB/88 quando escrita já antecipava que as Micro e Pequenas Empresas poderiam enfrentar dificuldades, para que pudessem continuar no mercado, frente a crescente concorrência.

Como forma de prevenir da falência a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988(CRFB/88) no caput do art. 179, afirma que:

Art. 179. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios dispensarão às microempresas e às empresas de pequeno porte, assim definidas em lei, tratamento jurídico diferenciado, visando a incentivá-las pela simplificação de suas obrigações administrativas, tributáveis, previdenciárias e creditícias, ou pela eliminação ou redução destas por meio de lei.

A criação da Lei Complementar Federal nº 123, de 14 de dezembro de 2006, conhecida como “Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas”, possibilita a simplificação da contabilidade, fazendo com que haja comunicação entre os órgãos federais, estaduais e municipais. Para a LC nº 123 123/06:

Art. 1º. Esta Lei Complementar estabelece normas gerais relativas ao tratamento diferenciado e favorecido a ser dispensado às microempresas e empresas de pequeno porte no âmbito dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (...)

Portanto a finalidade da criação dessa lei e a de simplificar os processos tributários das MPE's, fazendo com que se estabeleça um tratamento diferente que serve como oportunidade para as empresas que se encaixam nessa faixa.

A Lei Complementar nº 123, trouxe uma definição própria para o enquadramento, para fins de apuração dos impostos abrangidos por esse sistema de apuração. Para LC nº 123/06, o enquadramento de MEP's, considera que:

Art.3º. Para os efeitos desta Lei Complementar, consideram-se microempresas ou empresas de pequeno porte a sociedade empresária, a sociedade simples e o empresário a que se refere o art. 966 da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002, devidamente registrados no Registro de Empresas Mercantis ou no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, conforme o caso, desde que:

I - no caso das microempresas, o empresário, a pessoa jurídica, ou a ela equiparada, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil reais);

II - no caso das empresas de pequeno porte, o empresário, a pessoa jurídica, ou a ela equiparada, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil reais) e igual ou inferior a R\$ 2.400.000,00 (dois milhões e quatrocentos mil reais).

Diante dessa informação, apresenta-se um paralelo, porque para o SEBRAE, o critério de classificação de porte é definido de acordo com o número de empregados.

As formas de enquadramento em relação ao porte, tanto a política adotada pelo governo e quanto pelas entidades privadas, geram certo confronto, pois as duas visam o desenvolvimento da classe, porém não falam a mesma língua.

Assim, a atual necessidade é que os órgãos e entidades tenham as mesmas conclusões para que juntos possam tomar atitudes e trazerem benefícios à classe empresarial.

Simples Nacional

Outro benefício trazido pela LC nº 123/06, é o regime de apuração de imposto sintetizado, conhecido como Simples Nacional, no qual esse recolhimento é feito através de um único documento, apurando os impostos das três esferas: Federal, Estadual e Municipal. Essa situação é citada nos artigos 12 e 13 da LC nº 123/06:

Art. 12 Fica instituído o Regime Especial Unificado de Arrecadação de Tributos e Contribuições devidos pelas Microempresas e Empresas de Pequeno Porte - Simples Nacional.

Art. 13 O Simples Nacional implica o recolhimento mensal, mediante documento único de arrecadação, dos seguintes impostos e contribuições:

I - Imposto sobre a Renda da Pessoa Jurídica - IRPJ;

II - Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI, observado o disposto no inciso XII do § 1º deste artigo;

III - Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - CSLL;

IV - Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - COFINS, observado o disposto no inciso XII do § 1º deste artigo;

V - Contribuição para o PIS/Pasep, observado o disposto no inciso XII do § 1º deste artigo;

VI - Contribuição para a Seguridade Social, a cargo da pessoa jurídica, de que trata o art. 22 da Lei no 8.212, de 24 de julho de 1991, exceto no caso das pessoas jurídicas que se dediquem às atividades de prestação de serviços previstas nos incisos XIII a XXVIII do § 1º e no § 2º do art. 17 desta Lei Complementar;

VI - Contribuição para a Seguridade Social, a cargo da pessoa jurídica, de que trata o art. 22 da Lei no 8.212, de 24 de julho de 1991, exceto no caso da microempresa e da empresa de pequeno porte que se dediquem às atividades de prestação de serviços previstas nos incisos XIII e XV a XXVIII do § 1º do art. 17 e no inciso VI do § 5º do art. 18, todos desta Lei Complementar; (Redação dada pela Lei Complementar nº 127, de 2007);

VII - Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e Sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação - ICMS;

VIII - Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza - ISS.

Os benefícios concedidos a pessoa jurídica, que optar pelo Simples são diversos, entre eles: recolhimento dos impostos unificado com a utilização de um único DARF, um sistema de tributação com alíquotas diferenciadas e que favorecem ao optante por esse tipo de tributação.

A base de cálculo para incidência do imposto é feita de acordo com o ramo da empresa e as receitas auferidas nos últimos 12 meses. Para cada tipo de atividade, a receita é tributada conforme tabela específica, se encaixando a alíquota correspondente.

No gráfico a seguir se ver que entre 2002 e 2005 cresceu o número de empresas optante pelo Simples como forma de arrecadação tributária:



Gráfico 2- Opção pelo Simples Nacional Fonte: SEBRAE, (2003-2005)

Conforme o art. 44, da LC:

Art. 44. Nas licitações será assegurada, como critério de desempate, preferência de contratação para as microempresas e empresas de pequeno porte.

§ 1º Entende-se por empate aquelas situações em que as propostas apresentadas pelas microempresas e empresas de pequeno porte sejam iguais ou até 10% (dez por cento) superiores à proposta mais bem classificada.

§ 2º Na modalidade de pregão, o intervalo percentual estabelecido no § 1º deste artigo será de até 5% (cinco por cento) superior ao melhor preço.

A LC nº 123/06 garante vantagem competitiva a favor das MPE's, pelo fato de terem uma produção em pequena escala, na qual para se produzir se tem mais custos, produzindo o mesmo produto do que em empresas grandes que são feitos em maiores quantidades.

Recentemente, uma decisão do Superior Tribunal de Justiça, aplica que as empresas optantes pelo Simples Nacional como regime de tributação, estão sujeitas ao pagamento do diferencial de alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), quando for feitas aquisições de mercadorias de outro estados. Nesses casos em que as empresas adquirem mercadorias de outras unidades de federação, o planejamento tributário é indispensável.

Enfim a escolha do empresário juntamente com o contador pelo sistema de tributação deve ser minuciosamente analisada para que a opção escolhida seja realmente a mais viável para a empresa.

APLICAÇÃO DA CONTABILIDADE GERENCIAL NA MICRO E PEQUENA EMPRESA

A quantidade de empresas que atualmente, investem em meios que gerem informações seguras, possibilitando ao gestor, tomar decisões com mais precisão e com maiores probabilidades de acerto, é crescente. É um diferencial, que só tem a trazer benefícios e agregar valor às empresas. Para Silva (2002, p. 23):

Uma empresa sem contabilidade é uma entidade sem memória, sem identidade e sem as mínimas condições de sobreviver e nem de planejar seu crescimento. A contabilidade consiste na coleta e apresentação dos dados, considerada uma indispensável ferramenta para o desenvolvimento da empresa.

O papel da Contabilidade Gerencial é identificar, analisar informações que demonstram a situação econômica da empresa, e nesse caso manter os micro empreendedores informados sobre o seu patrimônio.

De acordo com Ricardino (2005, p.234):

Quanto menos restrições na adoção de critérios contábeis, maior o número de ângulos pelos quais as operações da empresa podem ser visualizadas,

se isso pode não ser interessante para um analista financeiro, certamente é fundamental para alguém que precise mensurar as ações futuras de sua empresa.

É pequeníssima a número dos contadores que oferecem um suporte gerencial aos seus clientes. De acordo com o SEBRAE (2003-2005) uma das principais causa de fechamento das MPE's são falhas decorrentes do controle gerencial.

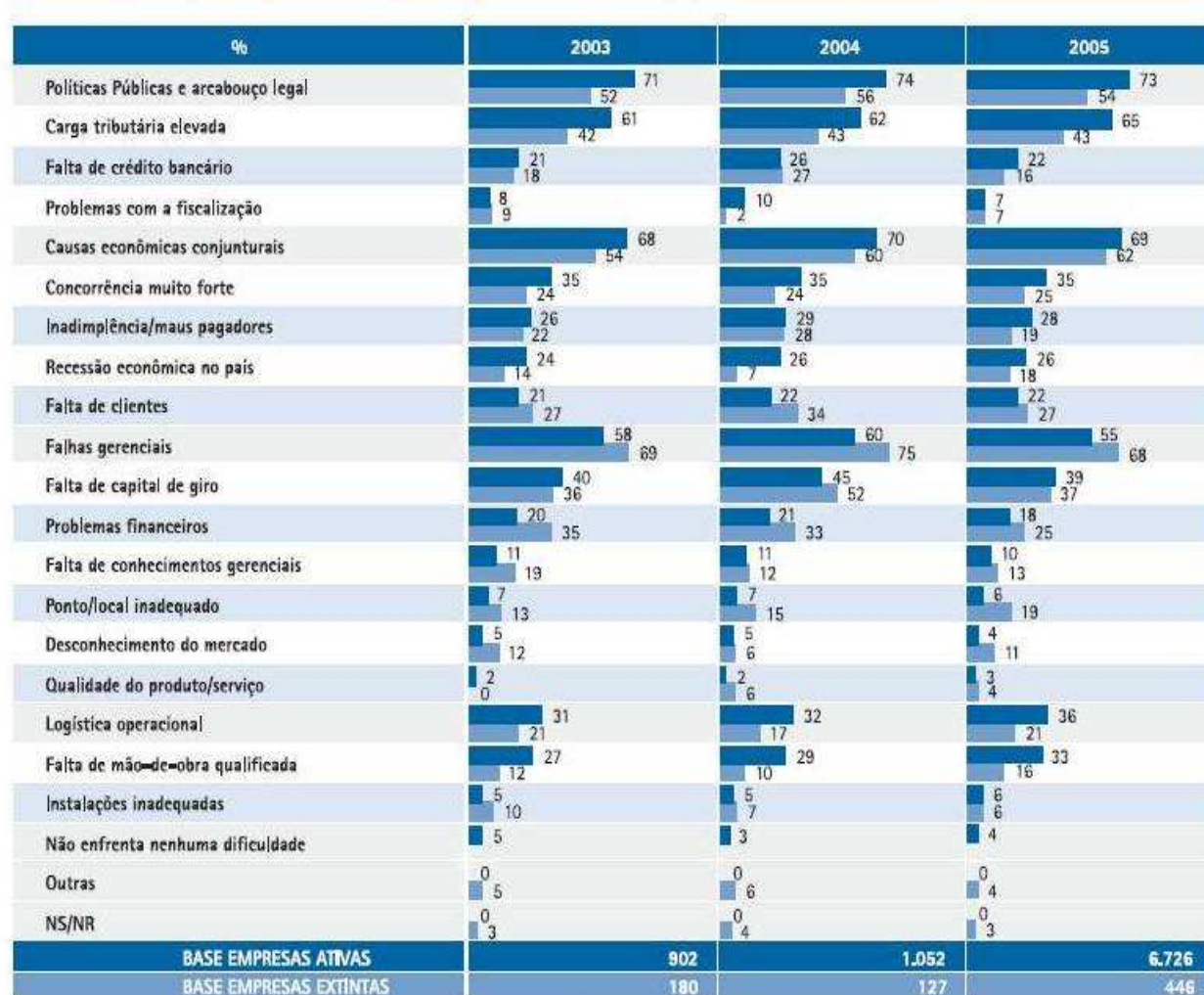


Gráfico 3 – Razões para o fechamento da empresa Fonte: SEBRAE (2003-2005)

Atualmente, os contadores só estão cumprindo as obrigações referentes aos tributos. Conforme destaca Chér (1991, p.36), *“a contabilidade tem sido encarada como um instrumento tão somente para se atender a uma série de exigências legais e burocráticas, e não encarada como um instrumento de apoio à administração”*.

A contabilidade não tem o seu valor reconhecido, ainda mais pelos pequenos empresários, que geralmente são os próprios administradores das MEP's. De acordo com o SEBRAE(2003-2005), em média 40% dos micro empresários que constituem suas empresas, não tem experiência no ramo de negócio que abrirão sua empresas.

%	2000/2002	2003	2004	2005
Tinha experiência anterior	79 74	58 68	63 55	59 54
Funcionário de outra empresa	21 19	25 37	31 27	26 18
Trabalhava como autônomo no ramo	16 12	11 9	11 10	9 9
Alguém na família tinha negócio similar	22 19	9 7	8 5	9 3
Sócio/proprietário de outra empresa	7 7	5 9	7 7	8 14
Diretor/gerente de outra empresa	5 5	5 4	4 5	6 5
Trabalhava como autônomo em outra atividade	6 8	2 1	1	1 1
Outra experiência	2 4	1 1	1 0	1 2
Não tinha experiência anterior	21 26	42 32	37 45	41 46
BASE EMPRESAS ATIVAS	-	902	1.052	6.726
BASE EMPRESAS EXTINTAS	-	180	127	446

Gráfico 4 – Experiência anterior ou conhecimento do ramo de negócio Fonte: SEBRAE, (2003-2005)

As empresas têm que cumprir as obrigações acessórias o que gera excesso de burocracia, esse é mais um motivo para os pequenos empresários enxergarem o contador como uma pessoa que só cuida disso, mas não o vêem como um auxílio à administração.

Segundo Longenecker (1998, p.515)

(...) os administradores precisam ter informações precisas, significativas e oportunas, se quiserem tomar boas decisões. Isso é particularmente verdadeiro quando se refere à necessidade de informações financeiras sobre as operações da empresa. A experiência sugere que a falta de aptidão em sistemas contábeis é um fator básico de insucesso entre pequenas empresas.

Conforme a pesquisa SEBRAE(2003-2005) entre os diversos fatores para a empresa ter sucesso e com isso permanecer por muito tempo no mercado, está as habilidades gerenciais.

%	2000/2002	2003	2004	2005
Capacidade empreendedora		78	84	82
Criatividade do empresário	45	42	45	44
Empresário com persistência/perseverança	36	42	44	46
Aproveitamento das oportunidades de negócio	43	34	37	34
Capacidade de liderança do empresário	28	21	26	23
Capacidade do empresário para assumir riscos	22	22	23	24
Logística operacional		80	82	81
Escolha de um bom administrador	27	48	49	46
Uso de capital próprio	29	33	37	37
Reinvestimento dos lucros na empresa	33	28	32	33
Acesso a novas tecnologias	23	29	29	27
Terceirização das atividades por meio da empresa	6	5	6	5
Habilidades gerenciais		74	76	76
Bom conhecimento do mercado onde atua	55	52	52	53
Boa estratégia de vendas	46	46	53	53
Outros		1	1	1
NS/NR		0	0	0
BASE EMPRESAS ATIVAS	-	902	1.052	6.726

Gráfico 5 – Fatores de sucesso das empresas Fonte: SEBRAE(2003-2005)

Os pequenos empresários, para conseguirem sucesso em seus negócios, tem que entender que a contabilidade é o instrumento fundamental para direcionar as decisões, e tomá-las com mais segurança.

De acordo com o SEBRAE, a maioria dos microempresários ao sentir dificuldades ainda procura algum tipo de consultoria ou auxílio do contador quando começam a sentir dificuldades no andamento da empresa. Porém, uma boa parte, que equivale a 45% dos empresários não buscam nenhum tipo auxílio frente as dificuldades.

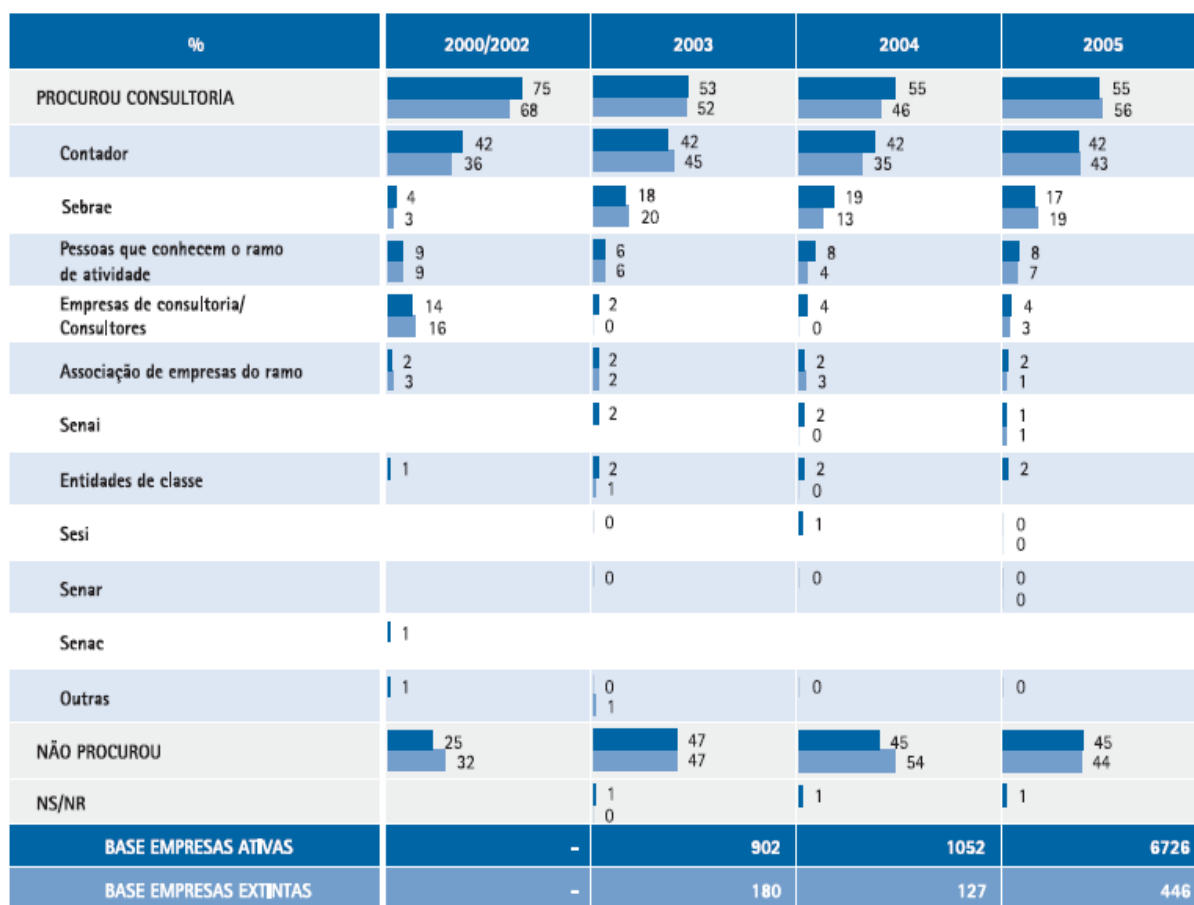


Gráfico 6 – Busca de assessoria, auxílio para condução/gerenciamento da empresa Fonte: SEBRAE(2003-2005)

São diversos os fatores que influenciam no crescimento das dificuldades que as MEP's enfrentam, as mais comuns são: escassez de recursos disponíveis em caixa, consequentemente dificuldades em investimentos internos e externos, como na estrutura da empresa, equipamentos tecnológicos necessários para um maior controle de gerenciamento, acesso à crédito, e investimentos em publicidade; pois quanto maior for o investimento nessas áreas, a empresa conquistará clientes, aumentando a chance de sua permanência no mercado.

A falta de utilização das ferramentas gerenciais nas MEP's gera o alto índice de mortalidade dessas empresas. O SEBRAE afirma cerca de 50% das micro e pequenas empresas constituídas fecham antes mesmo de completar 2 anos de existência, fruto, “do baixo índice de utilização de técnicas administrativas por suas empresas”. (IOB, 2005, p. 01).

De acordo com a pesquisa SEBRAE (2003-2005)

Anos de existência das empresas	Ano de constituição formal das empresas (Triênio 2002-2000)	Taxa de mortalidade (A)	Ano de constituição formal das empresas (Triênio 2005-2003)	Taxa de mortalidade (B)	Variação da taxa de mortalidade (B-A)
Até 2 anos	2002	49,4%	2005	22,0%	- 27,4%
Até 3 anos	2001	56,4%	2004	31,3%	-25,1%
Até 4 anos	2000	59,9%	2003	35,9%	-24,0%

Quadro 4 – Comparativo da evolução das taxas de mortalidade Fonte: SEBRAE (2003-2005)

As grandes empresas possuem um departamento contábil interno, o que facilita a interação dos administradores com a contabilidade, e disso tiram todas as vantagens possíveis para que a gestão beire a excelência.

No caso das empresas de médio porte, o setor contábil, está geralmente restrito a figura do contador interno, mas a proximidade ainda é maior que nas grandes empresas, uma vez que nestas os vínculos pessoais são mais fortalecidos e valorizados, e a concorrência entre pessoas de um mesmo departamento são muito menores.

Nas pequenas e microempresas, normalmente o serviço de contabilidade é terceirizado, para um Escritório Contábil, e o relacionamento com o contador é distante, não somente pela distancia física, mas principalmente pela falta de vínculo de relacionamento, uma vez que o contador externo, raramente visita a empresa, e o empresário quando procura a contabilidade, normalmente é atendido por auxiliares, nem sempre preparados para dar as informações necessárias.

Uma simples entrega de uma guia de recolhimento de tributos pode levar a questionamentos, e gerar duvidas quanto a valores e ou forma de apuração, que precisariam ser sanadas, no entanto quem leva as guias para a empresa, na maioria das vezes é um office- boy que não tem conhecimento para resolver o problema, nem mesmo para repassá-lo a quem o pudesse resolver, aumentando a insatisfação dos empresários quanto à contabilidade e seus profissionais .

Infelizmente a idéia de que honorário contábil é uma despesa, e na maioria dos casos não vêem o contador como um auxílio, mas sim como uma pessoa indiferente na administração da empresa, é corrente entre os pequenos empresários. O que prejudica ainda mais a inserção das práticas gerenciais.

A Contabilidade Gerencial contribuirá para o micro empresário em diversas formas. Inicialmente pode ser feito um planejamento prévio, para ficar ciente das dificuldades que poderão ser enfrentadas.

Algumas atitudes tomadas pelo contador facilitarão a compreensão dos micros empresários em relação aos números da empresa, como por exemplo: mensalmente fazer um confronto das entradas e saídas, verificando se não está com o excesso de estoque; formação do preço de venda, embutindo todos os impostos corretamente, para que o empresário tenha o retorno do lucro e esperado; fazer um controle simples de fluxo de caixa, obtendo o controle de pagamentos e a previsão das contas a receber.

Com controles gerenciais básicos, as MPE's têm mais chances de permanecer no mercado, e com isso projetar seu próprio crescimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi abordar a utilização da contabilidade gerencial nas micro e pequenas empresas, evidenciando a importância de informações seguras para a tomada de decisões.

Evidenciou a importância das Micro e Pequenas Empresas diante da economia brasileira, nas quais contribuem de uma maneira significativa, para o PIB (Produto Interno Bruto).

A Contabilidade Gerencial se destacou entre as demais, porque é a única que fornece informações valiosas para a administração da empresa. O micro empresário ao começar a implantar a contabilidade gerencial em seu negócio, terá controle interno eficiente, munido de informações benéficas à empresa.

A pesquisa bibliográfica demonstrou que a maioria das empresas chegam à falência em pouco tempo, por conta de falhas gerenciais, ou seja, o micro e pequeno empresário necessitam de uma contabilidade gerencial para a empresa conseguir manter-se no mercado, no qual a concorrência é crescente.

O contador além de precisar estar sempre atualizado às mudanças ocorridas é preciso se adequar às novas formas de assessorar os clientes, pois caso contrário corre o risco de ser um profissional desatualizado, ficando fora do mercado de trabalho.

Por conta da evolução dos sistemas de informações contábeis, as formas de apuração dos impostos, e de cumprir as obrigações acessórias se tornaram mais simplificadas, como consequência a economia no tempo, com isso o contador

poderá atuar mais presente no setor gerencial suprimindo melhor as necessidades dos empresários.

O trabalho não tem pretensão de ter esgotado o tema proposto, porém espera ter conseguido transmitir claramente o quanto é importante a tomada de decisão do microempresário com base em informações adquiridas através da contabilidade gerencial,

REFERÊNCIAS

ATKINSON,Anthony A. **Contabilidade Gerencial**. São Paulo: Ed. Atlas volume 1 ano 2008.

CHÉR, Rogério. **A gerência da pequenas e médias empresas**. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.

CREPALDI, S.A. **Contabilidade Gerencial**. 3. Ed. São Paulo: Ed. Atlas volume 1 ano 2004.

DIAS, Elaine Ap. **O contador Gerencial**. São Paulo: Ed. Atlas, volume 1 ano 2006.

FABRETTI, Láudio Camargo. **Prática tributária da micro, pequena e média empresa**. São Paulo: Ed. Atlas, volume 1 ano 2003.

FRANCO, Hilário. Evolução do pensamento contábil. **Contabilidade geral**. 23ª ed. Editora Atlas, São Paulo, ano 1997.

HENDRIKSEN, Eldon S. VAN BREDA, Michael F. **Teoria da contabilidade**. 5 ed. São Paulo: Ed. Atlas, volume 1 ano 1999.

HIRNGREN, Charles T. SUNDEM, Gary L: STRATTON, William O. **Contabilidade Gerencial**.12ed. São Paulo: Pearson ano 2004.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. A contabilidade e suas ramificações. **Introdução a Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Ed. Atlas, volume 1, ano 1999.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Contabilidade Gerencial**. 4.ed. São Paulo: Ed Atlas,volume 1 ano 1986.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. As modificações na profissão contábil. **Teoria geral da contabilidade**. São Paulo: Ed. Atlas, volume 6, ano 2000.

JOHNSON, H. Thomas: KAPLAN, Robert S. **Contabilidade gerencial**: Rio de Janeiro: Ed. Campus ano 1993.

OLIVEIRA, Celso Marcelo de. A importância da contabilidade. **O profissional Contábil e o Mercado de Trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, volume 7, ano 2006

OTT, Ermani. **Contabilidade Gerencial Estratégica**. São Paulo: Ed. Atlas, volume 1 ano 2004.

PADOVEZE, Clóvis, Luís. **Introdução à administração financeira**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005

PAMPLONA, Edson de O. **A contabilidade Gerencial**. São Paulo: Ed. Pioneira volume 1 ano 1986.

PROFESSORES DA FEA/USP. Exame **de suficiência em contabilidade**. São Paulo: Ed. Atlas volume 1 ano 2001.

RICARDINO, Álvaro. **Contabilidade gerencial e societária: origens e desenvolvimento**. São Paulo: Ed. Saraiva volume 1 ano 2005.

RODRIGUES, Anésio. Evolução do ensino comercial contábil. **Evolução do ensino comercial, contábil, atuarial, administrativo e econômico no Século XXI**. São Paulo: Ed. Atlas, volume 3, ano 2006.

SÁ, Antônio Lopes. Contador – O profissional do século. **Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Ed. Atlas, volume 1, ano 1998.

SÁ, Antônio Lopes de. O marco na história da contabilidade. **História geral e das doutrinas da contabilidade**. São Paulo: Ed. Atlas, volume 1, ano 1997.

SEBRAE, Fatores condicionantes e taxa de mortalidade de micro e pequenas empresas no Brasil. Disponível em: www.sebrae.com.br/principal/conhecendo%20%20mpe. Acesso em 02 de novembro de 2010.

SILVA, Daniel Salgueiro. **Manual de Procedimentos Contábeis para Micro e Pequenas Empresas**. São Paulo: Ed. Brasília, 2002.

SCHMIDT, Paulo. A história e evolução da Contabilidade. **Fundamentos da Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Ed. Atlas, volume 1, ano 2000.